ANO 12.º Sabado, 22 de Novembro de 1919 Numero 598

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*' R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

NOTA POLITICA

Nas provincias, é o titulo dum artigo que ha dias trouxe *A Manhã* e no qual Mayer Garção, com a autoridade que lhe dá o seu passado de republicano indefectivel, traça estes eloquentes periodos a proposito do que aí vai nas fileiras dos partidos:

. . . .

Ainda ha pouco me recordava um velho republicano o escrupulo com que o velho e glorioso partido republicano da propaganda procedia em relação ás creaturas que, dizendo-se republicanos, pelo seu caracter não mereciam a consideração partidaria. Em relação a uma dessas creaturas, dizia-me o velho republicano a que aludo que ela fôra sucessivamente expulsa de quasi todos os centros politicos da capital. Nem para um obscuro lugar de vogal de uma junta de paroquia o queriam. Pois o individuo em questão, no ultimo Congresso democratico, falou como um Catão, abocanhando tudo e todos, chegando, pela sua audacia, a afigurar-se um dos actuais mentores do partido, como que o vivo orgão das suas aspirações!

Se havia este escrupulo relativamente a elementos que se afirmavam republicanos, mas que pelas suas qualidades não mostravam possuir as virtudes da Democracia, quanto maior não deveria ele ser ao tratar-se de permitir o ingresso aos chamados adesivos. Não fui, nem sou contrario á entrada de monarquicos para o campo republicano; mas para isso entendi sempre, e entendo, que não basta dar alguns centávos para o cofre partidario, nem dizer simplesmente: *adiro á Republica*... Não se é republicano por palpite, ou por uma revelação sobrenatural. Esses novos adeptos deveriam provar, com actos, e não sómente com palavras, que realmente a sua consciencia se republicanisara. De contrario, deveria suceder o que sucedeu. Esses monarquicos continuavam a ser monarquicos, no espirito, no procedimento, nos costumes. E, como formam legião, desnaturaram a propria fisionomia da Republica.

Mayer Garção volta depois as suas atenções para o *cacique*, que diz ser preciso exterminar, libertando a Republica desse *bicho* que tanto a tem corrompido e deposita as suas esperanças na campanha de propaganda republicana nas provincias, prestes a iniciar-se, mas de cujos resultados nós duvidâmos por ser um pouco tarde e os maus costumes se terem infiltrado de mais nos habitos do regimen.

Em todo o caso os apostolos que apareçam porque da sementeira, certo, alguma coisa hade ficar...

Films...

Novo cometa

Dizem de Paris que mr. Alexandre Schaumasse descobriu, do Observatorio de Nice, pela madrugada de 20 de outubro, um novo cometa. E' de magnitude 12 e está situado ao norte da constelação *Virgo*. Parece, todavia, que não ha receio do contacto, visto a tranquilidade dos sabios...

As grandes invenções

Da mesma proveniencia comunicam ter mr. Numile, conhecido fabricante de papel, declarado a varios jornalistas que, mercê dum processo novo da sua invenção, está utilizando toda a especie de hervas para a produção do artigo, cujas amostras facilitou, recebendo os mais rasgados encomios.

Tem uma dupla vantagem, quanto a nós, o papel assim fabricado: é os jornaes poderem ser *devorados* tambem pelos burros propriamente ditos...

A questão é cheirar-lhe a herva...

... e não ofende

Ocupando um automovel, com diferentes amigos, o sr. presidente da Câmara dirige-se, a toda a velocidade, para a estação do caminho de ferro afim de prestar as suas homenagens a dois categorisados politicos, vindos de Lisboa. Um grupo que o vê chegar, comenta:

— Não é um automovel, afinal, é um aquario. Vem cheio de *peixinhos*...

Zaragata

A câmara dos deputados, dizem os jornaes de larga informação, esteve na segunda-feira transformada por muito tempo em tumultuaria Praça da Figueira. Insultos, berros, murros nas carteiras, como se estas tivessem culpa do que vai nos cérebros esquentados dos *paes da Patria*, e por fim sôco, sôco rijo, sôco de crear bicho.

Mas quando deixará esta gente de se esmurrar, utilisando o tempo em coisas mais uteis e menos desagradaveis, não nos dirão?

O papel

Uma *bôa nova* para as emprêsas jornalisticas é, sem duvida, aquela que resalta deste aviso com que acabam de ser mimoseadas pela Companhia do Prado:

A partir de Dezembro, o papel aumentará 50 reis em quilograma. De Dezembro em diante, a Companhia não toma qualquer compromisso sobre preço de papel.

Quer dizer: se mal estavamos durante a guerra, peior ficâmos depois da paz. Peior, mas muito peior, visto tudo ter subido duma maneira assombrosa, tornando cada vez mais dificil a vida neste mar de lagrimas que se chama o mundo.

Sim. Porque hoje chora-se com fome, embora aos exploradores pareça ainda pouco o que estão roubando aos pobres.

E quem nos diz a nós que não existe uma combinação entre a industria papeleira e esses refinadissimos gatunos para se verem livres de mais uns tantos jornaes incapazes de resistirem ao novo esticão?

NA FORJA...

Boqueja-se que está na forja outra revolução. Para quê? Com que fim? ¡Eis o que ninguem sabe dizer. Mas que corre, que consta, que se diz, que se anuncia outra *bernarda*, lá isso é verdade.

Pois que venha e quanto mais cêdo melhor, para se acabarem os sobresaltos.

Já agora...

A moeda

Transmitem de Paris:

Os especuladores da moeda raccionaria são perseguidos pela policia judiciaria e pelo tribunal do Sena.

Foram já detidas varias pessoas que iam com muita frequencia á Suiça para trocar, com certos beneficios, a moeda de prata francêsa. Diz-se que o snr. Bollany, engenheiro director duma sociedade francêsa, fez desaparecer 150 mil francos em moeda de prata.

Esta especie de especulação é a unica causa da crise monetaria.

Precisamente o que por cá se está dando, com a diferença, porêm, de que o govêrno português cruza os braços permitindo com o seu desinteresse por tão momentoso assunto, que não apareça em todo o país uma moeda de prata e até de cobre!

Contudo o ministro das Finanças declara que da Casa da Moeda são postos, semanalmente, em circulação, dez contos em cobre e mais declara que se é ao açambarcamento a desaparição da moeda.

Mas se s. ex.ª sabe que tal sucede, porque não adopta as indispensaveis medidas que a gravidade da situação reclama?

Os jornaes inserem anuncios, alguns de pagina, oferecendo 40 por cento de agio e mais por cada moeda que fôr levada ás casas dos anunciantes!

Não vê isto o sr. ministro?

A exportação da prata é ás centenas de quilos, diz-se.

Porque espera o govêrno?

EM PARIS

Acaba de nos ser directamente comunicada a criação, na capital de França, da *Câmara Portuguêsa de Comercio*.

Instalada na Rua do Helder, n.º 8, dentro de poucas semanas se procederá á sua inauguração oficial, retardada apenas pelas obras a que se anda procedendo nas respectivas salas.

A primeira direcção acha-se composta pelos seguintes cidadãos: Antonio José da Silva, presidente; Manuel Pinto da Fonseca, vice-presidente; José Pinto da Costa, tesoureiro; Luiz Cierco, secretario e D. Manuel de Noronha, A. P. de Serpa Pinto e Luiz G. de Avelar, vogaes.

Intensificar dia a dia as relações comerciaes que unem Portugal e a França, é o fito supremo da *Câmara Portuguêsa de Comercio*, á qual, nas pessoas dos seus directores, enviâmos as mais calorosas saudações pelo patriotico fim que tem em vista, desejando lhe as maximas prosperidades.

COISAS DA ÉPOCA

O açambarcamento da Caixa Económica de Aveiro?

Os socios da Caixa Económica de Aveiro estão convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, para apreciarem uma oferta feita por um grupo de capitalistas que se propõe tomar de trespasse o activo e passivo da referida Caixa, nas bases exaradas num documento que o mesmo grupo apresentou.

Tal noticia, que surpreendeu desagradavelmente a população da cidade, embora sejam desconhecidas as bases da proposta, tem no espirito publico a mais formal condenação.

Evidentemente, se o grupo de capitalistas não encontrasse na transação proveitosos lucros, ou ainda largos e futuros interesses, sob principios que são para o publico ainda desconhecidos, não se empenhava, por certo, no açambarcamento da mais proveitosa instituição que Aveiro possue ha 60 anos, tal o tempo da sua existencia.

A Caixa Económica de Aveiro foi fundada em 1858 por o falecido Nicolau de Betencourt, a esse tempo governador civil do distrito.

A inauguração realisou-se no dia 22 de maio desse ano, procedendo-se em seguida á eleição da respectiva Direcção, que foi constituida pelos cidadãos abaixo indicados, cujos nomes devem ficar registados como os primeiros e valiosos elementos auxiliares da grandiosa iniciativa do fundador, que ficou eleito presidente; vice-presidente, Manuel José Mendes Leite; tesoureiro, Sebastião de Carvalho Lima; vice-tesoureiro, Bento José Rodrigues Xavier de Magalhães; secretario, Agostinho José Duarte Pinheiro e Silva; vice-secretario, José Joaquim de Carvalho e Goes.

Com um fundo de cêrca de 2:000 escudos, diminutissima importancia, como se vê, foi iniciada a sua tarefa, benéfica e util, e de tal fórma foi ela compreendida, que num aumento crescente e numa confiança sem limites, são eloquentes os numeros do ultimo relatorio publicado no ano findo.

Num rapido resumo que, todavia, convem acordar, vemos que no fim de 1918, existiam, em caixa, de depositos definitivos, esc. 486:213$11,5, e de depositos provisorios 3:853$63,5, tendo, porêm, durante o ano, sob esta designação, entrado 159:758$63.

Descontaram-se 4:183 letras na importancia de 1.041:303$51 e cobraram-se 4:423 na totalidade de 1.019:317$60.

No mesmo praso receberam-se 3:608 penhores, atingindo a importancia emprestada 148:973$07, sendo cobrados em egual periodo 3:602 na totalidade de 138:030$47.

Sobre hipotecas no mesmo ano 2:100$00, recebendo-se, porêm, de amortisação que abrangiam o ano anterior 10:052$59, fechando o saldo existente desta classe em 25:973$50.

E bastando estes algarismos para provar não só o movimento da Caixa, como ainda até onde vão e chegam os seus beneficios, fechâmos os inclusos dados, dizendo que, apezar das avultadas verbas para beneficencias distribuidas, como o Hospital, Cruz Vermelha, Sôpa dos pobres, Misericordia, Monte-pio, e esmolas avulsas, além da importante verba para o pagamento de juros aos depositantes, que atingiu 21:855$26, o capital da Caixa era em 31 de dezembro ultimo de 62:169$41, uma fortuna creada para simples utilidade publica.

E sendo, de facto, reconhecido pelos poderes superiores a larga beneficencia, protecção e auxilio dispensados pela Caixa Económica de Aveiro, foi nessa conformidade, por decreto de 20 de agosto de 1918, isenta do pagamento da contribuição de decima de juros, e que implica o maior preito de homenagem prestada á bela instituição. Todavia, ha quem pense e afirme que a Caixa poderia ampliar muitissimo mais as suas transações, o que não tem feito pelo espirito acanhado e timido dos seus directores, tendo assim cristalisado no actual campo das suas transações, resumido e relativamente improdutivo.

Mas para vingar esta opinião, será preciso apagar a principal base, a verdadeira intenção creada para a sua iniciativa?

A Caixa não deve deixar de ser aquilo que é: um cofre para as pequenas economias e para socorrer os humildes. O contrario seria lança-la em operações de larguêsa correspandente e nessas explorações, distanciando-se do pensamento que a instituiu, converteria em acessorio o que hoje é e deve ser o principal.

Quem quer expansões comerciaes, largos trafegos, negocios e transações de vulto, funda um banco, cria uma casa comercial com os fundos correspondentes e necessarios para isso e segue.

No nosso modo de vêr, a Caixa está onde deve estar, e como nós, toda a gente compreende a garantia de bôa e solida ordem social que deriva deste entretecer de beneficios.

Todas as classes se tornam solidarias pelo interesse e partilha comum. Advinha-se como fica solidamente cimentado o prestigio e o credito da Caixa Económica, que significa uma associação perfeita de lavoura, de trabalho e de industria, assim como se advinha tambem como esta comunidade de conveniencias favorece e protege, em todas as circunstancias, o desenvolvimento da instituição.

Convencidos, por indiscutivel evidencia, de que a Caixa Económica de Aveiro, unica, no genero, existente no país, é uma creação de extraordinaria utilidade, bem provada, dentro dos moldes da sua iniciativa, naturalmente perguntâmos: a quem assiste o direito de vir perturbar a missão religiosamente cumprida, ha 60 anos, por tão util instituição?

Que audacia é essa? Para onde vâmos nós?

A Caixa Económica de Aveiro não póde, não deve desviar-se um ápice, que seja, da missão que se impoz. E' um erro, mas um erro crasso, trespassa-la como qualquer casa vulgar de negocio, sem falar já na afronta que constitue para a memoria dos seus fundadores, se um tal cometimento fôr levado a cabo.

Pensem bem no que vão fazer aqueles a quem está confiada a solução do assunto, por tantos titulos melindroso, desde que se proposeram ventila-lo.

Um caso de demencia

Providencias a quem compete

No preterito numero deste jornal deixámos o Faustino a prégar ao suino, ao seu querido *réco*, aconselhando-lhe prudencia e disendo-lhe que ía chamar as *Filipas* para lhe trazerem um saboroso bocado de abobora para satisfazer a imperiosa necessidade estomacal que o tornava impertinente e pouco delicado.

Antes, porêm, de continuar, entendemos dever ilucidar os leitores sobre quem são as taes *Filipas* que o snr. Faustino convida a levar-lhe alimento para o querido *réco*.

Duas palavras apenas bastam para ilucidação.

As *Filipas*, muito bem conhecidas em Ilhavo, são tres ou quatro *mademoiselles*, irmãs, entre os seus 20 a 35 anos de edade e todas elas teem por profissão o roubo e o deboche. Dizemos *profissão*, por não lhe ser conhecido outro modo de ganhar a vida.

Conhecem perfeitamente a cadeia por experiencia propria e teem por varias vezes sido espancadas quando encontradas em flagrante. De dia roubam pelos campos tudo o que pódem levar consigo, como seja: milho, feijão, aboboras, nabos, pastos, etc., quasi á vista dos proprios donos, que muitas vezes ameaçam e insultam; de noite entregam-se á mais vergonhosa devassidão, á embriaguez, á orgia.

E' assim a vida das taes *Filipas* que o snr. Faustino chama e convida a trazerem-lhe aboboras para o suino que insensatamente pretende civilisar.

E não será isto só proprio de um doido?! Julguem os leitores. Os factos que apresentamos são verdadeiros e pódem provar-se com testemunhas, segundo nos afirma o nosso solicito e honesto informador.

E dito isto continuemos.

O sr. Faustino dava mil e uma voltas ao transtornado bestunto; umas vezes melifio, meigo e manso, como pomba sem fel, outras irado e furibundo, rugindo como um leão, ameaçava o suino, a terra, o mar e o mundo...

O pobre animal, torturado de fome, despresando o disparatado aranzel do sr. Faustino, grunhia com mais força e saltava na pocilga.

— Ah, sim!—diz o Faustino—já sei. Não tens ainda a noção do castigo; pois vaes te-la agora.

E num abrir e fechar de mão, vae dentro a casa e volta imediatamente com as sobrancelhas franzidas e a bôca em espuma, empunhando um forte cavalo marinho. Aproxima-se do inofensivel suino e atira-lhe tres valentes chicotadas no adiposo lombo, exclamando:

— E' esta a noção do castigo!

Que mal empregadas no pacifico suino! Pois, melhor, muito melhor o seriam nas bojudas ventas do dementado educador.

Uma confusão dos diabos, um reboliço infernal se estabelece então ali.

Caía a noite. O suino dorido e amedrontado, grunhia, procurando inutilmente um abrigo em cada canto da exigua pocilga, e o snr. Faustino, de vergalho em punho, olhos injectados de sangue e a raiva e o odio a verterem-se em espuma pelos cantos da bôca descarregava brutalmente no corpo do atoucinhado animal terriveis golpes de chicote. Grunhia o porco e berrava o Faustino. Uma algarviada dos demonios, um inferno em vida!

E o canhão do snr. Faustino, encostado á hombreira da porta, *mudo e quêdo como um penêdo*, assistia a tudo isto com a impassibilidade bem propria de um ente inconsciente...

De repente abre-se a porta da rua e, desenvoltas, desgrenhados os cabelos e tisnadas as faces pelo calor da orgia, entram duas das taes *Filipas* com cestos de aboboras á cabeça.

Toda *espevitada* e lépida diz uma, saudando o sr. Faustino:

— Então que raio de republica vae nesta casa?! E' uma algazarra que se ouve a tres leguas.

— Olhem, meninas, é o *réco*—diz *melifluamente* o Faustino, que está impertinente. As doutrinas desses malfadados jezuitas e o fanatismo de esses padres velhacos, inimigos figadaes da nossa santa republica, feita á imagem do nosso grande santo Afonso Costa, estragaram-no, bestialisaram-no, e, por isso, agora, os primeiros alvores da civilisação sensibilisam-no e tornam-no impertinente. Mas o seu cérebro começa já a desabrochar para a luz como as flôres dos jardins em tépidas manhãs de Maio. Olhem, olhem, acrescenta o Faustino, deitando ao *réco* um bom naco de abobora, como ele agora come com apetite. Se tivessem chegado ha mais tempo, terme-iam poupado as muitas sensaborias; tinham-me dado anos de vida.

— Olhe, snr. Faustino, diz uma das *Filipas*, sorridente e gaiata, a gente não vem quando quer. A corja dos lavradores não nos deixa governar a vida como a gente deseja. Se nos pilham franzem-nos o coiro á unha e a gente sempre tem um... ao fundo das costas.

— Olha, o raio do Faustino, acrescenta a outra, queria talvez que ficassemos com os ossos num mólho por causa das aboboras para o porco!

— Sim, sim, diz por sua vez o homem do porco, eu bem compreendo as dificuldades que haveis de encontrar no exercicio da vossa humanitaria profissão. E depois no meio de uma sociedade egoista e iguorante, feita á imagem desses padres beatos e moldada na estupidez desses professores pedantes! E' um perigo, é um perigo, mas a gente tambem tem direito á vida.

— Sim, sim, mas eles malham nos que tem raio, quando nos encontram com a bôca na botija.

—Batem-vos, esses patifes que teem enriquecido á custa do sangue do pobre? Ah! se não fosseis vós o que seria do meu bom e querido *réco*! Morria de fome.

E lançando carinhosamente a vista para o suino que, golosamente, mascava a saborosa abobora:

— Mas não hade ser assim, meu *réco*. Eu heide educar-te, civilisar-te, fazer de ti alguem, deixa estar. E olhem, meninas, enquanto não começo com as minhas lições ao *réco*, vamos nós saborear um copo do *rôxo liquido*, ou antes um copo do *sagrado girio*, como se diz com elegancia nos bairros de Alfama e Mouraria, onde tenho passado os melhores dias da minha vida. Entrem, entrem, façam de conta que esta casa é vossa. Olhem que côr tão linda! Como salta no copo! Vá...

Começa a orgia. O que então se passou e ouvidos indiscretos presenciaram, não o podemos nós repetir aqui.

No proximo numero extrataremos um discurso do Faustino ao seu réco, que é mesmo de se lhe tirar o chapeu, pela substancia ..

Y.

CARTA

Meu caro Arnaldo:

Você não comeu a cabazada de carapetões que o Camaleão *largou com aquele cuidado que sempre lhe merece qualquer assadura em que o rico sobrinho leve rasca...*

Ora é simples farça o acompanhamento por este dispensado aos taes membros da Junta Geral, que se dirigiram a Lisboa para obter a rêde telefonica, o edificio do correio, massa *para outro quartel, que é,* na verdade, *o que mais precisâmos, etc. E é simples farça porque a rêde telefonica para Aveiro e outras cidades, a casa para o correio, etc., tudo isso está incluido na verba dos 8:000 contos, votada já nas Câmaras para os citados melhoramentos.*

Mas não acabam estes comediantes de representar, ainda que no fim de cada acto a pateada estruja e os assobios vibrem entre outras manifestações de agrado e simpatia por tão emeritos... artistas!

Manda sempre o teu, do coração

Lisboa, 18—XI—1919.

J. G. Costa

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ala.*

VOANDO

O director geral de Aeronautica Militar, major Castilho Nobre, num aparelho Briguet, tripulado pelo capitão Brito Paes, realisou na segunda-feira um *raid* de Lisboa ao Porto e volta, coroado do melhor exito, apesar de ser o primeiro e o trajecto a percorrer orçar aproximadamente por 600 quilometros.

Os viajantes aereos saíram da Amadora ás 9,30, passaram em Aveiro ás 11,43 e chegaram ao Porto ás 12,10.

Depois de terem feito varias evoluções sobre a cidade, voltaram ao ponto da partida onde chegaram ás 14,47, tendo portanto gasto no percurso 5 horas e desasete minutos.

"O Democrata,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) . . .	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	6 centavos
Comunicados	4 »
Anuncios permanentes, contrato especial.	

Notas mundanas

Consorciou-se no principio do mez corrente com a nossa gentil patricia, snr.ª D. Clara Meireles, filha do negociante desta praça sr. Francisco Antonio Meireles e ilustrada professora em Quintela das Lapas, concelho de Anadia, o sr. Manuel Martins, farmaceutico na Moita.

Cumprimentâmos os noivos, desejando-lhes uma interminavel lua de mel.

=== De Estarreja seguiu a ocupar o seu logar de Delegado do Procurador da Republica em Alcacer do Sal, o snr. dr. Antonio Gurgo.

=== Está vivendo actualmente na proxima freguesia de Eixo com sua esposa, o nosso conterraneo, snr. Augusto Duarte dos Reis.

=== Encontra-se perigosamente enfermo, na capital, o nosso conterraneo sr. Renato Franco.

=== Vindo de S. Tomé, Africa Ocidental, encontra-se na sua casa de Ilhavo, o digno professor oficial, sr. Joaquim da Silva Rolo, a quem cumprimentâmos.

O fim do mundo?

Segundo as tetricas previsões dum sabio argentino, que pelo nome não perca, visto chamar-se Porta, este mundo está por um fio. Assim, conta-nos o sobredito astronomo pessimista a batalha horrivel que vai travar-se entre seis poderosos planetas e da qual resultará um cataclismo pavoroso. Uma enorme mancha solar—tamanha que será visivel a olho nú—provocará uma explosão inaudita de gazes inflamados, abrindo-se então, no Astro Rei, uma cratera que, rapidamente, absorverá a terra. E seremos então todos—incluindo o *Bébes*, o *Bichêsa*, o *Flautas* e o *Pilécas*—devorados vivos por essa bocarra formidavel, sendo já do outro lado que assistiremos ás tempestades, descargas electricas, *que ameaçarão despedaçar o globo em duas partes*, chuvas diluvianas, frios e tremores de terra como jámais em tempo algum ha memoria de ter sucedido.

Estejam, pois, precavidos!—troveja o sabio, pousando, com cuidado, o telescopio que tanto observou na amplidão dos céos. *De 17 a 20 de dezembro, vão suceder coisas tremendas!...*

Então ainda mais do que aquelas a que temos assistido de ha 9 anos a esta parte?...

UMA EXPERIENCIA

Aviador que se despenha da altura de 1:500 metros

No domingo passado, em S. Sebastian (Espanha), o argentino Torkins Greco, perante numeroso publico, deixou-se caír da altura de 1:500 metros com um páraquedas de sua invenção.

Os passeios da Concha e do Monte Urgall estavam coalhados de gente quando, pouco antes das 13 horas, apareceu, procedente de Lasarte, um aeroplano que conduzia Torkins. Antes de realisar a experiencia, o aparelho fez algumas evoluções sobre a povoação e sobre a baía da Concha, esperando a chegada do rei que, segundo se dizia, queria assistir ao espectaculo.

A's 13 e meia, no meio de geral comoção, Torkins, depois de saudar com a mão os espectadores, lançou-se de uma altura de 1:500 metros.

Durante dois segundos, a velocidade da queda foi vertiginosa e o publico teve a sensação de que o aparelho caía violentamente sobre a Concha; mas, passado esse tempo, o pára-quedas abriu-se e diminuiu a velocidade da descida.

Apesar disso, devido á forte ventania, o pára-quedas, com o seu inventor, foram arrastados até Zurriola, passando por cima da parte velha da povoação. O aparelho guinava fortemente e Torkins, agarrado a ele, boleava como um pedaço de papel.

O publico julgou inevitavel a catastrofe. Joguete do vento, Torkins chegou a Zurriola, enquanto o povo corria emocionado, seguindo a direcção do aparelho. Por fim, conseguiu descer sobre o mar, sendo recolhido por umas lanchas.

Foi um espectaculo verdadeiramente comovente.

Um julgamento

Apresentaram se no dia 28 do mez findo perante o tribunal militar de Lisboa, acusados pelo chefe da banda da Guarda Nacional Republicana, sr. Fão, de terem dito que ele se tinha locupletado com a quantia de 100 escudos pertencentes ao dinheiro de uma festa anteriormente realisada em Montemór, os ex-musicos da mesma banda José Inácio Portela e João Maria Ramalho.

Como se vê, tratava-se de um crime de difamação; mas no decorrer da audiencia fizeram-se taes depoimentos, que levaram o promotor da justiça a retirar, na devida altura, o seu libélo acusatorio, por o considerar infundado, visto ter-se provado que, com efeito, o sr. Joaquim Fernandes Fão ficára, ilegitimamente, com 100 escudos pertencentes á banda de musica.

Mas não é tudo. A seguir usou da palavra o sr. coronel José Coutinho Gouveia, defensor oficioso dos réus, que por esta fórma se exprimiu:

Na qualidade de militar, venho aqui apenas pedir justiça e não sugestionar o juri com discursos oratorios. Os ilustres oficiais presentes, a quem compete fazer justiça, são garantia suficiente para que essa justiça seja recta e completa. Estou convencido de que o juri está convicto da inocencia dos réus, pois o sr. promotor da justiça foi o primeiro a retirar a acusação; no entanto, na qualidade de defensor, tenho obrigação de aclarar melhor o assunto.

A' ultima hora obtive por intermedio do sr. João Dias, sub-chefe da banda da G. N. R. a relação da distribuição do dinheiro da festa de Montemór, documento esse que deveria ter figurado oficialmente no processo. Por esse documento se verifica que o snr. Fão ficou ilegitimamente com 100 escudos e ainda tendo declarado que essa importancia não era só para a sua remuneração, mas sim tambem para pagar as despesas com a condução dos instrumentos e desconto para o cofre do Conselho Administrativo da Guarda, tal não fez, indo tirar essas importancias dos 150 escudos que foram destinados ao pagamento dos musicos! Nota mais que não foram só os musicos a serem vitimas do sr. Fão: foi tambem o Estado a ser defraudado, visto que devendo fazer o desconto para o cofre de 250 escudos o fez apenas de 100, enganando assim os seus superiores, o que é uma falta gravissima.

E terminou dizendo:

Só pelo muito respeito que tenho pelos galões que uso e atendendo a que estou perante um tribunal militar, é que não classifico o sr. Fão com os adjectivos que o seu procedimento merece; no entanto, pelo que já acabei de expôr se verifica que o sr. Fão cometeu faltas.

....

Snrs. jurados: se alguem deve ser condenado, não são, decerto, os acusados aqui presentes.

E realmente não foram porque dentro em poucos minutos se achavam recebendo as felicitações dos amigos pela justiça que lhes havia distribuido o tribunal, absolvendo-os.

* * *

Quanto a nós, Portela e Ramalho são os homens mais felizes que conhecemos.

Imagine-se, por um momento, que tinham caído num tribunal semelhante áquele em que um dia foi julgado certo jornalista que teve a audacia de pôr tambem ao sol as gatunices de determinado cavalheiro de industria—não sabemos se da patente do sr. Fão—e que tinha a mais o berbicacho de ser *homem politico, politico republicano e republicano democratico!* Nem a péle se lhes aproveitava!... Ou trinta péles que eles tivessem. E' que, cá por baixo, as coisas mudam muito de figura. Gente de categoria, como o snr. Fão, gosa de todas as imunidades e ai daquele que atentar contra a sua *honorabilidade* de gatuno encartado ou explorador do proximo! O menos que lhe acontece—está isso provado—é atirarem-lhe para cima com pesadas multas, negarem-lhe o respeito devido a todo o cidadão bem comportado e como se isso fôsse pouco, obrigarem-no a indemnisar o autor do processo—infamia das infamias!—que pelo empenho, pelo suborno ou pela corrupção se transformou em vitima, quando o banco dos réus devia ser o unico logar que lhe competia, se a justiça entre nós não fôsse uma palavra vã.

Por isso — repetimos — foram muito felizes os amigos Portela e Ramalho. Vê-se que ainda ha homens de honra, embora raros. Homens que sabem o que devem á consciencia e que teem pela sua posição e pelo seu caracter o culto inerente ao brio e á moral que todos somos obrigados a possuir.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 21

Esteve hoje um dia explendido, motivo por que a feira da Oliveirinha teve uma larga concorrencia de compradores e vendedores, fazendo-se importantissimas transacções.

Os suinos apareceram em grande quantidade, mas por preço nada inferior a 20 escudos a arroba! Dentre eles um se destacou pelo seu tamanho, fazendo a admiração de toda a feira. Foi vendido por 440 escudos, devendo pezar 20 arrobas ou mais. O lavrador que o cevou é de Cacia, mas não conseguimos saber-lhe o nome.

C.

COOPERATIVA DE AVEIRO

Nos termos do artigo 20.º, § 1.º, dos Estatutos desta sociedade, é convocada a assembleia geral ordinaria para o dia 7 do proximo mez de dezembro, pelas 12 horas, na sua séde, afim de se proceder á eleição dos corpos gerentes para o ano de 1920.

Não comparecendo numero legal de socios, fica desde já convocada nova assembleia geral nos termos do artigo 35.º dos mesmos Estatutos, para o dia 21 do mesmo mez, á mesma hora e no mesmo local.

Aveiro, 15 de novembro de 1919.

O presidente da assembleia geral,

(a) **João Manuel Martins Manso**